



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, GOVERNANÇA E GESTÃO
SUBSECRETARIA DE PLANEJAMENTO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA

BOLETIM DE CONJUNTURA DO RIO GRANDE DO SUL

V. 6 N. 4

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Governador: Eduardo Leite

Vice-Governador: Gabriel Vieira de Souza

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, GOVERNANÇA E GESTÃO

Secretário: Danielle Calazans

Secretário Adjunto: Bruno Silveira

Subsecretária de Planejamento: Carolina Mór Scarparo

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA

Diretor: Pedro Tonon Zuanazzi

Divisão de Análise Econômica: Martinho Roberto Lazzari

BOLETIM DE CONJUNTURA DO RIO GRANDE DO SUL

V. 6 N. 4, janeiro 2025

Porto Alegre, RS

Bol. Conj. RS	Porto Alegre	v. 6	n. 4	p. 1-18	jan. 2025
---------------	--------------	------	------	---------	-----------

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

<https://dee.rs.gov.br/boletim-conjuntura>

Departamento de Economia e Estatística (DEE-SPGG)

Av. Borges de Medeiros, 1501 - 20.º andar

Porto Alegre - RS - 90119-900

Fone: (51) 3288-1196

E-mail: dee@planejamento.rs.gov.br

Homepage: <https://dee.rs.gov.br/inicial>

Diretor: Pedro Tonon Zuanazzi

Chefe da Divisão de Análise Econômica: Martinho Roberto Lazzari

Equipe Técnica: Martinho Roberto Lazzari, Tomás Amaral Torezani e Liderau dos Santos Marques Junior

Revisão de Língua Portuguesa: Susana Kerschner

Projeto Gráfico: Vinicius Ximendes Lopes

É permitida a reprodução desta publicação e dos dados nela contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Publicação atualizada com informações disponíveis até 28 de janeiro de 2025.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Boletim de conjuntura do Rio Grande do Sul / Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão, Departamento de Economia e Estatística – V. 1, n. 1, (2019)- . – Porto Alegre: Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão, 2019- .
v. : il.

Trimestral.

1. Condições econômicas. 2. Economia Internacional. 3. Economia – Brasil. 4. Economia – Rio Grande do Sul. I. Rio Grande do Sul. Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão. Departamento de Economia e Estatística.

CDU 338.1

Bibliotecário responsável: João Vítor Ditter Wallauer – CRB 10/2016

Publicação periódica trimestral que apresenta uma análise detalhada do desempenho da economia gaúcha no contexto dos mercados nacional e internacional.

SUMÁRIO

SUMÁRIO EXECUTIVO	4
1 CENÁRIO EXTERNO	5
2 CENÁRIO INTERNO — BRASIL	7
2.1 ATIVIDADE ECONÔMICA	7
2.2 INFLAÇÃO, JUROS E CONTAS PÚBLICAS	9
2.3 EXPECTATIVAS DE CRESCIMENTO	10
3 CENÁRIO INTERNO — RS	11
3.1 ATIVIDADE ECONÔMICA	11
3.2 SETOR EXTERNO	13
3.3 MERCADO DE TRABALHO	14
3.4 ARRECADAÇÃO DE ICMS	15
3.5 PERSPECTIVAS	15
PRINCIPAIS INDICADORES MENSAIS	17
REFERÊNCIAS	18

SUMÁRIO EXECUTIVO

No cenário externo, o 3.º trim./2024 foi marcado pela aceleração do Produto Interno Bruto (PIB) das principais economias mundiais, sobretudo a China e a Área do Euro, enquanto o dos Estados Unidos registrou estabilidade. No caso dos Estados Unidos, houve aumento das exportações, do consumo das famílias e do consumo do Governo, sendo compensadas pela desaceleração do investimento privado e pelo aumento das importações. Já o crescimento da Área do Euro ocorreu pelo aumento do investimento, do consumo das famílias e do consumo do Governo. O comércio mundial de bens e serviços acelerou seu ritmo de crescimento em 2024, decorrente da retomada no crescimento das importações dos Estados Unidos e de um maior dinamismo comercial das principais economias emergentes. Ao mesmo tempo, as taxas de inflação das principais economias mantiveram-se em queda ao longo de 2024. Para o Fundo Monetário Internacional, o crescimento mundial deve ser de 3,2% em 2024 e de 3,3% em 2025.

Na economia brasileira, o grande impulso para o crescimento do PIB ao longo do ano veio do aumento da demanda interna. No acumulado até setembro, os principais estímulos vieram dos aumentos da Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) e do consumo das famílias, neste último caso estimulado por transferências de renda e por um mercado de trabalho aquecido. Da mesma forma, os desempenhos da indústria de transformação, do comércio e dos serviços foram positivos ao longo do ano. A inflação fechou 2024 com alta de 4,83%, acima do teto da meta. Esse aumento e a crescente percepção de risco fiscal fizeram com que o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central do Brasil (BCB) desse início a um movimento de elevação da taxa básica de juros. Ao final do ano, a Selic foi fixada em 12,25%, com indicação de duas elevações de 1,00 ponto percentual (p.p.) em cada uma das duas próximas reuniões. A perspectiva para o PIB em 2025 é de crescimento, embora menor que a expansão de 2024.

O PIB do Rio Grande do Sul apresentou queda de 0,3% no terceiro trimestre, na comparação com o período imediatamente anterior. A boa notícia é que a indústria e os serviços cresceram, refletindo a retomada da economia gaúcha após os impactos do desastre climático de maio. No acumulado do ano até setembro,

o produto agregado cresceu 5,2%, desempenho impulsionado principalmente pelo aumento da agropecuária, que se recuperou após a estiagem de 2023. Os serviços também cresceram, ao contrário da indústria, que apresentou recuo no período, reflexo do desempenho negativo da indústria de transformação.

A análise dos indicadores mensais permite observar a evolução positiva do comércio, especialmente após as enchentes, como resultado da mudança do perfil de consumo de curto prazo, direcionado para bens de reposição, como móveis, eletrodomésticos e materiais de construção. A produção industrial também se recuperou da queda observada em maio, mas, nos meses seguintes, seu desempenho foi negativo, refletindo as dificuldades do setor, em especial da atividade de máquinas e equipamentos. Os serviços têm sido a atividade de retomada mais lenta, principalmente devido à interrupção das atividades do Aeroporto de Porto Alegre, que impactou significativamente os serviços ligados ao turismo.

As exportações do Estado alcançaram o valor de US\$ 21,884 bilhões em 2024, recuo de 1,9% em relação ao valor das vendas de 2023. Setorialmente, houve avanço das exportações de produtos agropecuários, especialmente da soja em grão, enquanto as industriais apresentaram queda, destacando-se as diminuições das vendas de produtos alimentícios, veículos automotores, reboques e carrocerias e máquinas e equipamentos.

No mercado de trabalho, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), o número de ocupados do terceiro trimestre do ano (5 milhões e 984 mil pessoas) apresentou aumento na margem e na comparação interanual, refletindo o movimento de recuperação econômica após as enchentes. Como resultado, a taxa de desocupação foi de 5,1%, a menor taxa para um terceiro trimestre desde 2013. O rendimento médio real apresentou estabilidade, enquanto a massa real de rendimentos cresceu 6,4% em relação ao mesmo trimestre de 2023, impulsionada principalmente pela expansão do número de ocupados. No mercado formal, cuja fonte dos dados é o Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged), o período a partir de julho foi marcado por saldos positivos entre admissões e desligamentos, mais do que recuperando as perdas no emprego ocorridas em maio e junho. No acumulado em 12 meses até novembro, houve a criação de 62.149 novas vagas no Estado.

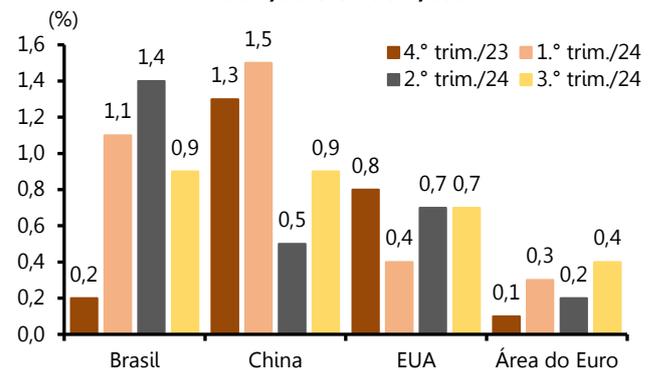
A arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) também se recuperou a partir de julho. Entre esse mês e dezembro, o valor arrecadado cresceu 11,7% contra igual período do ano anterior. No ano, a variação foi de 8,7%, alcançando, a preços de dezembro de 2024, o valor de R\$ 51,823 bilhões.

As perspectivas para a economia gaúcha em 2025 são positivas, sustentadas, principalmente, pelo esperado crescimento da produção agrícola e pelos investimentos em obras de reconstrução e proteção contra as cheias e na reposição de capital físico, especialmente na indústria. Adicionalmente, a recuperação da produção industrial é esperada, tanto pelo aumento dos investimentos quanto pela baixa base de comparação de 2023. O setor de serviços também deve continuar em expansão, impulsionado pela retomada do turismo e pela manutenção dos bons resultados no mercado de trabalho. No entanto, há três riscos importantes associados a esse cenário positivo: a confirmação do fenômeno La Niña, que potencializa os riscos de estresse hídrico para as culturas agrícolas de verão; o aumento da incerteza sobre o desempenho da economia brasileira, influenciada principalmente pela alta das taxas de juros; e a crescente incerteza relacionada à economia internacional, que tende a ser uma questão de grande relevância ao longo de 2025.

1 CENÁRIO EXTERNO

O terceiro trimestre de 2024 foi marcado pela aceleração do Produto Interno Bruto (PIB) das principais economias mundiais na comparação com o trimestre imediatamente anterior, sobretudo a China e a Área do Euro, enquanto os Estados Unidos registraram estabilidade (**Gráfico 1.1**).

Gráfico 1.1 - Crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) trimestral de economias selecionadas — 4.º trim./2023-3.º trim./2024



Fonte: OECD (2025).

Nota: Taxas em relação ao trimestre anterior. Séries com ajuste sazonal.

No caso dos Estados Unidos, houve aumento das exportações, do consumo das famílias e do consumo do Governo, sendo compensados pela desaceleração do investimento privado e pelo aumento das importações. Já o crescimento de 0,4% da Área do Euro se deu pelo aumento da formação bruta de capital (0,8 ponto percentual), do consumo das famílias (0,4 p.p.) e do consumo do Governo (0,1 p.p.), enquanto as exportações líquidas retraíram (-0,9 p.p.). Na Europa, a França registrou aceleração (de 0,2% no segundo trimestre para 0,4% no terceiro trimestre), assim como a Alemanha, que voltou a crescer (0,1%) após a retração de 0,3% no trimestre anterior. Já a Itália viu sua economia desacelerar (de 0,2% para 0,0%). Por seu turno, o Reino Unido manteve a taxa anterior, de 0,7%. Em relação à China, houve aceleração das exportações líquidas, enquanto o consumo final e o investimento desaceleraram.

Analisando 2024, o ano foi amplamente marcado pelo processo desinflacionário global, decorrente, sobretudo, do aperto acentuado e sincronizado da política monetária ao redor do mundo e da diminuição de interrupções de oferta. Apesar do processo desinflacionário, a atividade econômica global permaneceu resiliente, evitando uma recessão mundial. De acordo com o Fundo Monetário Internacional (IMF, 2025), após

um crescimento de 3,3% do produto global em 2023, o crescimento mundial deve permanecer praticamente estável em 3,2% e 3,3% em 2024 e 2025 respectivamente (**Tabela 1.1**), embora abaixo da média histórica de 3,7% no período 2000-19.

Tabela 1.1 - Crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) estimado (2023 e 2024) e projetado (2025) pelo Fundo Monetário Internacional para economias selecionadas

DISCRIMINAÇÃO	2023	2024	2025
PIB mundial	3,3	3,2	3,3
Economias avançadas	1,7	1,7	1,9
Estados Unidos	2,9	2,8	2,7
Área do Euro	0,4	0,8	1,0
Japão	1,7	-0,2	1,1
Reino Unido	0,3	0,9	1,6
Canadá	1,5	1,3	2,0
Economias emergentes	4,4	4,2	4,2
China	5,2	4,8	4,6
Índia	8,2	6,5	6,5
Rússia	3,6	3,8	1,4
Brasil	3,2	3,7	2,2
Argentina	-1,6	-2,8	5,0

Fonte: Fundo Monetário Internacional (IMF, 2025).

Após atingir o pico de 9,4%, na comparação interanual, no terceiro trimestre de 2022, as taxas de inflação das principais economias mundiais devem atingir 3,5% até o final de 2025, abaixo do nível médio de 3,6% do período 2000-19. O aumento anterior da inflação mundial refletiu uma combinação única de choques, quais sejam, amplas interrupções de oferta, fortes pressões de demanda após a pandemia e picos acentuados nos preços das *commodities* causados pela guerra na Ucrânia. À medida que as interrupções na oferta abrandaram e a política monetária rígida começou a restringir a demanda e ancorar as expectativas de inflação, a normalização nos mercados de trabalho permitiu que a inflação diminuísse rapidamente sem uma grande desaceleração na atividade. Enquanto, de forma geral, a inflação mundial esteja diminuindo, fundamentalmente por conta da inflação de bens, a inflação de serviços permanece bastante elevada, o que pode contribuir para uma manutenção do aperto monetário por mais tempo que o imaginado anteriormente. Ademais, o processo de desinflação vem ocorrendo de forma heterogênea entre as economias, ao passo que muitas delas, em especial as economias emergentes, ainda convivem com inflação acima da média histórica.

Após uma recuperação decorrente da reabertura econômica em 2022, o crescimento nas economias avançadas desacelerou em 2023 e deve permanecer relativamente estável nos próximos anos. No entanto,

essa estabilidade esconde diferentes dinâmicas nacionais. Nos Estados Unidos, espera-se que o crescimento apresente leve desaceleração, para 2,7%, em 2025, à medida que a política fiscal seja gradualmente apertada e que o mercado de trabalho em arrefecimento desacelere o consumo, embora o investimento esteja acelerando. Por outro lado, a atividade econômica na Área do Euro deve acelerar-se em 2024, embora ainda a uma taxa modesta, por conta, em especial, das exportações de bens. Em 2025, o crescimento deverá aumentar ainda mais, ajudado por uma demanda doméstica mais forte, a partir do aumento dos salários reais, ao mesmo tempo em que o afrouxamento gradual da política monetária deverá contribuir para o investimento. Todavia, esse crescimento tende a ser bastante desigual entre as economias europeias, com a continuidade da fraqueza persistente da indústria de transformação em países como Alemanha e Itália.

Assim como nas economias avançadas, a perspectiva de crescimento para o grupo de economias emergentes é de estabilidade. Espera-se que o forte crescimento da Ásia emergente diminua de 5,7% em 2023 para 5,2% em 2025, refletindo uma desaceleração sustentada nas duas maiores economias da região. No caso da Índia, a redução do ritmo de crescimento resultaria do esgotamento da demanda reprimida acumulada durante a pandemia, à medida que a economia se reconecte com seu potencial. No caso da China, a desaceleração projetada tende a ser mais gradual, apesar da fraqueza persistente no setor imobiliário e da baixa confiança do consumidor.

Após um fraco desempenho em 2023, o comércio mundial de bens e serviços em 2024 acelerou seu ritmo de crescimento (**Tabela 1.2**), decorrente da retomada no crescimento das importações dos Estados Unidos e de um maior dinamismo comercial das principais economias emergentes. Espera-se uma ligeira desaceleração em 2025. Por sua vez, os preços de *commodities*, que haviam sofrido uma forte retração em 2023, sobretudo as energéticas, devem registrar comportamentos mistos em 2024 e 2025, com expectativa de crescimento para as não energéticas e de retração das energéticas.

Tabela 1.2 - Crescimento e projeções de variáveis econômicas selecionadas segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI) — 2023-25

DISCRIMINAÇÃO	2023	2024 (1)	2025 (1)
Comércio mundial (bens e serviços)	0,7	3,4	3,2
Economias avançadas	0,0	2,2	2,1
Economias emergentes	2,0	5,4	5,0
Preços de commodities (US\$)			
Energia	-16,4	-1,9	-11,7
Não energéticas	-5,7	3,4	2,5
Preços ao consumidor mundial	6,7	5,7	4,2
Economias avançadas	4,6	2,6	2,1
Economias emergentes	8,1	7,8	5,6

Fonte: Fundo Monetário Internacional (IMF, 2025).

(1) Projeções.

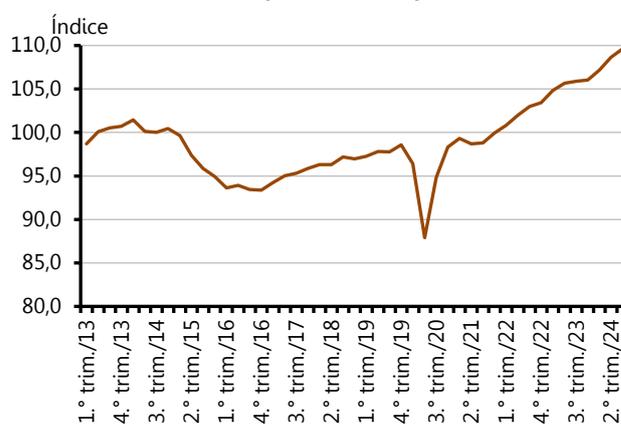
Diversos riscos e incertezas permeiam as projeções do FMI e podem afetar o cenário base da instituição, tanto para o lado negativo quanto para o lado positivo, embora os riscos negativos estejam aumentando e agora dominem a perspectiva. No primeiro caso, podem-se citar: política monetária rígida por muito tempo; possível ressurgimento da volatilidade do mercado financeiro com efeitos adversos nos mercados de dívida soberana; reprecificação por parte do mercado financeiro como resultado de reavaliação da política monetária e condições financeiras mais rígidas; desaceleração maior que o esperado na China; aumento contínuo das políticas protecionistas; aumento nos preços das *commodities* como resultado de choques climáticos, conflitos regionais ou tensões geopolíticas mais amplas. Pelo lado positivo, o FMI trabalha com cenários de recuperação mais forte no investimento nas economias avançadas e de impulso mais forte das reformas estruturais. De forma geral, existem grandes dúvidas quanto ao que ocorrerá nos Estados Unidos e suas repercussões globais, aliado à incerteza política em outras economias e aos desdobramentos dos ajustes econômicos em andamento no mundo.

2 CENÁRIO INTERNO — BRASIL

2.1 ATIVIDADE ECONÔMICA

Embora de maneira menos intensa que nos trimestres anteriores, a demanda interna continuou impulsionando a economia brasileira no terceiro trimestre de 2024, cujo crescimento foi de 0,9% em relação ao trimestre anterior. Esse avanço levou o volume do PIB a alcançar um novo pico histórico, ficando 8,1% acima do pico anterior, registrado no 1.º trim./2014, e 11,2% superior ao nível do 4.º trim./2019, antes dos impactos da pandemia (**Gráfico 2.1**).

Gráfico 2.1 - Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil — 1.º trim./2013-3.º trim./2024



Fonte dos dados brutos: Contas Nacionais Trimestrais (IBGE, 2025h).
Nota: Os índices têm como base a média de 2013 = 100.

O crescimento de 0,9% na margem foi influenciado, pelo lado da oferta, pelo aumento na indústria (0,6%) e nos serviços (0,9%), enquanto a agropecuária apresentou queda de 0,9% (**Tabela 2.1**). Pelo lado da demanda, destacaram-se a expansão da Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) (2,1%) e do consumo das famílias (1,5%), impulsionado por um mercado de trabalho aquecido e pelo aumento das transferências de renda. Esse cenário de forte demanda interna contrastou com a redução das exportações líquidas, devido à queda nas exportações e ao aumento das importações.

Tabela 2.1 - Produto Interno Bruto (PIB), pelas óticas da oferta e da demanda, do Brasil — períodos selecionados

ATIVIDADES	3° TRIM/2024		
	2° TRIM/2024 ⁽¹⁾	3° TRIM/2024	JAN-SET/2024
		3° TRIM/2023	JAN-SET/2023
PIB	0,9	4,0	3,3
Ótica da oferta			
Impostos	-	6,4	5,3
VAB	0,8	3,7	3,0
Agropecuária	-0,9	-0,8	-3,5
Indústria	0,6	3,6	3,5
Serviços	0,9	4,1	3,8
Ótica da demanda			
Consumo das famílias	1,5	5,5	5,1
Consumo do Governo	0,8	1,3	2,1
FBCF	2,1	10,8	6,6
Exportações	-0,6	2,1	4,1
Importações	1,0	17,7	14,2

Fonte dos dados brutos: Contas Nacionais Trimestrais (IBGE, 2025h).

(1) Com ajuste sazonal.

Na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior, a expansão do PIB foi de 4,0%, refletindo, pelo lado da produção, os desempenhos positivos da indústria (3,6%) e dos serviços (4,1%), com a agropecuária exibindo recuo de 0,8%. Pela ótica da demanda, os aumentos mais relevantes ocorreram na FBCF (10,8%) e no consumo das famílias (5,5%). Também, nessa base de comparação, ocorreu queda das exportações líquidas, novamente pelo aumento das importações (17,7%) acima do das exportações (2,1%).

No acumulado de 2024 até o terceiro trimestre, o PIB nacional expandiu 3,3%, superando as expectativas do início do ano. Setorialmente, o maior avanço ocorreu nos serviços, que cresceram 3,8%, seguido pela indústria, cuja expansão foi de 3,5%. A agropecuária, por outro lado, registrou queda de 3,5%, impactada pela ocorrência de estiagens em estados de grande importância para a produção agrícola nacional. Segundo o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) de dezembro de 2024, houve reduções nas quantidades produzidas de relevantes culturas agrícolas do País, como nas de milho (-12,5%), soja (-4,6%) e cana-de-açúcar (-0,9%).

O crescimento de 3,5% da indústria nacional até o terceiro trimestre foi impulsionado pela expansão das quatro atividades: indústria extrativa (2,0%), indústria de transformação (3,2%), eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos (6,1%) e construção (4,1%). Na indústria de transformação, o aumento da produção significou uma recuperação após

dois anos consecutivos de retração. Estimulada pelo dinamismo da demanda doméstica, a atividade registrou avanços nos três primeiros trimestres do ano, período em que os maiores acréscimos foram observados nas produções de bens de capital e de bens de consumo duráveis.

A expansão de 3,8% no setor de serviços ocorreu com difusão entre todas as atividades que o compõem. O aumento do consumo das famílias teve impacto significativo no desempenho das atividades de serviços, sobretudo no comércio, que expandiu 3,5% até o terceiro trimestre. Entre as demais atividades do setor, as maiores altas foram registradas nos serviços de informação e comunicação (6,2%), outras atividades de serviços (5,6%) e atividades financeiras e de seguros (4,3%).

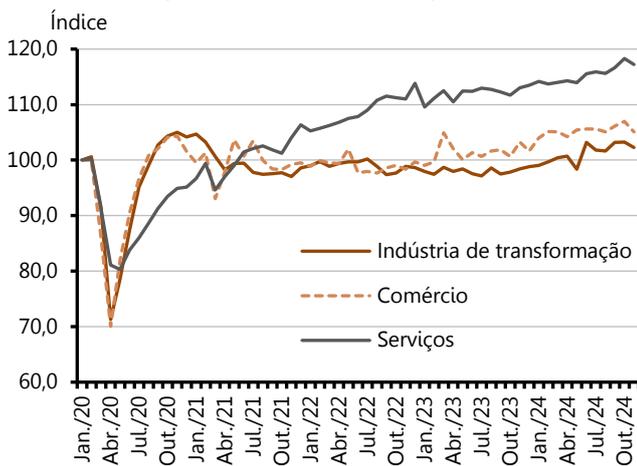
Pela ótica da demanda, os dois destaques principais foram os aumentos da FBCF, com alta de 6,6%, recuperando-se da queda observada em 2023, e do consumo das famílias, cujo crescimento foi de 5,1%. Entre as causas para o maior dinamismo do mercado interno, pode-se elencar o mercado de trabalho aquecido, refletido na menor taxa de desocupação desde 2013 e no crescimento dos rendimentos dos ocupados, o aumento das transferências de renda via programas governamentais, o crescimento do crédito para pessoas físicas e a redução da taxa de juros. Também cresceram, mas a taxas inferiores, o consumo do Governo (2,1%) e as exportações (4,1%). A contribuição da demanda externa foi negativa no período, pois as importações cresceram 14,2%, acima, portanto, das exportações. Esse resultado deriva do aumento da demanda doméstica, em especial das compras externa de bens de capital ligados aos gastos da FBCF.

Na análise mensal da indústria de transformação, do comércio varejista ampliado e dos serviços, observam-se trajetórias consistentes de crescimento ao longo do ano (**Gráfico 2.2**). Em novembro, os níveis dessas três atividades alcançaram patamares superiores aos registrados no início do ano. De forma geral, esses dados sobre a produção e a comercialização de bens e serviços estiveram em linha com o aumento da demanda interna, refletidos no aumento do consumo e do investimento.

A produção física da indústria de transformação nacional apresentou crescimento de 3,7% no acumulado de janeiro a novembro de 2024, contra igual período de 2023. Embora tenha passado por alguma oscilação em maio e junho, em decorrência dos impactos

das enchentes na produção industrial do Rio Grande do Sul, em geral o índice da indústria manteve-se em movimento ascendente ao longo do ano. Esse desempenho indica tanto a recuperação da produção em relação ao ano anterior como também a elevação do nível de produção de novembro de 2024 acima do patamar registrado em janeiro de 2020, mês anterior ao início dos efeitos da pandemia sobre a economia brasileira. Das 24 subatividades pesquisadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), houve expansão em 20 delas, sendo as maiores altas registradas nas fabricações de equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (14,1%), de máquinas, aparelhos e materiais elétricos (12,4%), de veículos automotores, reboques e carrocerias (12,4%), de outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores (11,3%) e de móveis (10,0%).

Gráfico 2.2 - Produção da indústria de transformação, volume de vendas do comércio varejista ampliado e volume de serviços, com ajuste sazonal, no Brasil — jan./2020-nov./2024



Fonte: Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (IBGE, 2025d).
Pesquisa Mensal do Comércio (IBGE, 2025e).
Pesquisa Mensal dos Serviços (IBGE, 2025f).
Nota: Os índices têm como base jan./2020 = 100.

O comércio varejista ampliado do Brasil registrou uma expansão de 4,4% entre janeiro e novembro de 2024, ante o mesmo período do ano anterior. Esse crescimento consistente ao longo do ano, apenas interrompido por pequenas oscilações, refletiu a melhora dos indicadores relacionados ao consumo, conforme mencionado anteriormente. Com o desempenho positivo, o nível das vendas em novembro de 2024 ficou 5,1% acima de janeiro de 2020. Por segmento, houve expansão em oito de um total de 11, com destaque para os avanços das vendas de artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (14,4%), veículos, motocicletas, partes e peças (12,2%), outros arti-

gos de uso pessoal e doméstico (6,7%) e hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (5,2%).

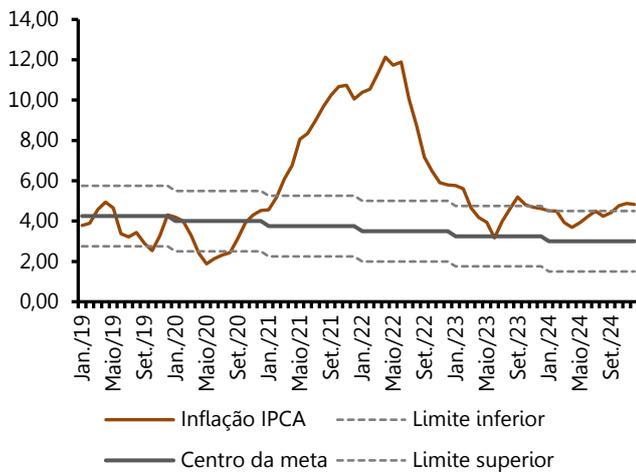
Nos serviços, houve variação de 3,2% no acumulado até novembro. A análise da trajetória ao longo do ano mostra que o desempenho positivo se intensificou, alcançando taxas robustas de expansão nos meses de setembro e outubro, seguidas de uma queda, na margem, em novembro. Neste último mês, o índice do volume dos serviços estava 17,2% acima do observado em janeiro de 2020. Das cinco subatividades, houve expansão em quatro: serviços profissionais, administrativos e complementares (6,7%), serviços de informação e comunicação (6,4%), serviços prestados às famílias (4,7%) e outros serviços (1,9%). O único recuo ocorreu na atividade de transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (-1,0%).

2.2 INFLAÇÃO, JUROS E CONTAS PÚBLICAS

A evolução da inflação, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), pode ser dividida em duas partes ao longo de 2024. Até abril, o índice de inflação, no acumulado em 12 meses, apresentou uma tendência declinante, tendo uma variação de 3,69%, acima do centro da meta, de 3,0%, mas abaixo do limite superior, de 4,5%. Em maio, houve uma inflexão na tendência, com a inflação anualizada passando a apresentar elevações sucessivas. Nos 12 meses finalizados em dezembro, a variação do IPCA chegou a 4,83%, acima, portanto, do limite superior da meta (**Gráfico 4**). Dos nove grupos que compõem o índice, quatro cresceram acima da média. Alimentação e bebidas foi o grupo de maior crescimento (7,69%), seguido pelos grupos de educação (6,70%), de saúde e cuidados pessoais (6,09%) e de despesas pessoais (5,13%). Já os grupos de artigos de residência (1,31%), vestuário (2,78%), comunicação (2,94%), habitação (3,06%) e transportes (3,30%) apresentaram elevação abaixo do índice geral. Com o aumento da inflação a partir de meados do ano e a crescente percepção de risco fiscal, o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central do Brasil iniciou, em setembro, um movimento de elevação da taxa básica de juros, a Selic. Após três altas consecutivas (em setembro, novembro e dezembro), a Selic encerrou 2024 no patamar de 12,25% ao ano, representando um acréscimo de 1,75 p.p. em relação ao menor nível registrado no ano, no intervalo de maio e setembro. No comunicado da reunião de dezembro, quando o Copom elevou a Selic em

1,00 p.p., o Comitê elencou os riscos para o cenário futuro da inflação, entre eles: o ambiente internacional incerto, a pressão de um hiato do produto positivo sobre os preços dos serviços, uma taxa de câmbio persistentemente mais depreciada e a questão fiscal doméstica. Nesse mesmo comunicado, o Copom projetou a continuidade do aperto monetário, indicando duas elevações de 1,00 p.p. em cada uma das duas primeiras reuniões de 2025.

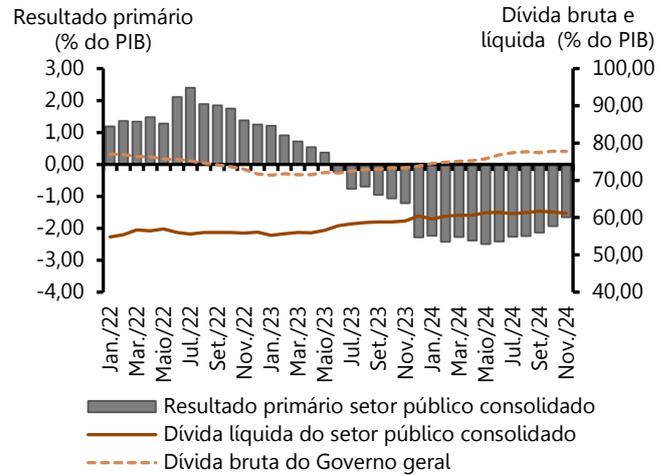
Gráfico 2.3 - Variação percentual do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) acumulado em 12 meses e metas de inflação no Brasil — jan./2019-dez./2024



Fonte dos dados brutos: IBGE (2025a).
Banco Central do Brasil (2025b).

No campo fiscal, o déficit primário em 12 meses do setor público consolidado, embora ainda elevado, tem diminuído. Essa redução reflete o maior crescimento, desde meados de 2023, da receita em relação à despesa. Nos 12 meses até novembro, o déficit acumulado foi de 1,65% do PIB (**Gráfico 2.4**). A dívida líquida do setor público consolidado alcançou, em novembro, 61,18% do PIB, pouco abaixo dos valores registrados nos meses anteriores, mas ainda 2,10 p.p. acima do observado em novembro de 2022. Já a dívida bruta do Governo geral continuou elevando-se nos últimos meses, atingindo, em novembro, 77,75%, acréscimo de 4,43 p.p. em relação ao mesmo mês do ano anterior.

Gráfico 2.4 - Resultado primário acumulado em 12 meses e estoques da dívida bruta e dívida líquida no Brasil — jan./2019-nov./2024



Fonte dos dados brutos: Banco Central do Brasil (2025b).

2.3 EXPECTATIVAS DE INFLAÇÃO E CRESCIMENTO

Nesse cenário de desancoragem das expectativas de inflação, os agentes do mercado financeiro preveem uma taxa de inflação de 5,08% para 2025, segundo o Focus Relatório de Mercado, de 17 de janeiro de 2025. Refletindo o crescimento da incerteza internacional e o aperto monetário, a previsão para o crescimento do PIB em 2025 é de 2,0%, conforme o mesmo relatório.

Já o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em sua Carta de Conjuntura do quarto trimestre de 2024, apresenta previsões um pouco distintas: crescimento de 2,4% para o PIB e avanço de 4,40% para o IPCA.

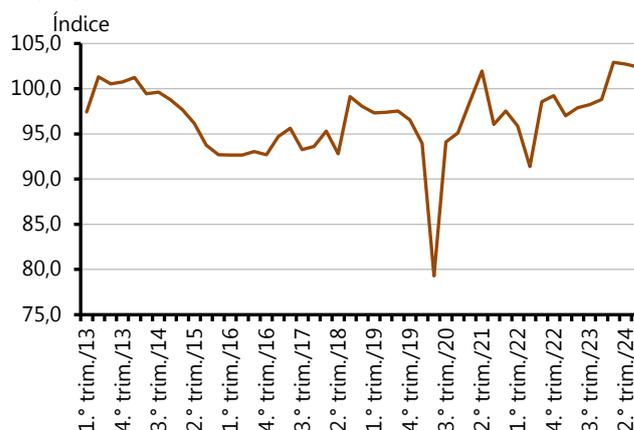
3 CENÁRIO INTERNO — RS

3.1 ATIVIDADE ECONÔMICA

O ano de 2024 começou com perspectivas promissoras para a economia do Rio Grande do Sul. Com a esperada recuperação da produção agrícola após duas estiagens consecutivas, projetava-se um crescimento do PIB estadual superior à média nacional. No primeiro trimestre, o produto agregado avançou 6,6% em relação ao mesmo período de 2023, impulsionado, principalmente, pela elevação do Valor Adicionado da agropecuária. Em maio, entretanto, a maior catástrofe climática da história do Estado trouxe incertezas para a economia gaúcha. As enchentes resultaram em destruição de estoques de ativos e infraestrutura, perdas na agricultura e na pecuária, quedas expressivas nos fluxos de produção da indústria, no comércio e nos serviços, com repercussões negativas no emprego e na renda. Apesar disso, a mobilização da sociedade civil, a rápida implementação de políticas públicas de assistência às vítimas e às empresas afetadas, somadas à resiliência da economia, geraram rapidamente efeitos positivos nos indicadores conjunturais, especialmente no comércio. Como resultado, o PIB do segundo trimestre recuou apenas 0,2% em relação ao primeiro. Nos meses seguintes, observou-se uma retomada das principais variáveis econômicas do Estado, como a produção industrial, as vendas do comércio e a geração de empregos. No terceiro trimestre, o PIB registrou queda de 0,3% em relação ao trimestre anterior, influenciada pela retração da agropecuária, típica para o período em anos de recuperação de safra. No entanto, a indústria e os serviços cresceram nessa base de comparação, consolidando uma recuperação da economia gaúcha após os severos impactos das enchentes. Com a retomada desses setores e o importante impulso de uma safra agrícola, mesmo que impactada pelas enchentes, maior que a anterior, a economia do Rio Grande do Sul deve encerrar o ano com um crescimento superior à média nacional, mesmo que abaixo das estimativas do início de 2024.

Na análise do terceiro trimestre, com a queda na margem, o nível do volume do PIB gaúcho recuou em relação ao seu pico histórico, registrado no primeiro trimestre de 2024 (**Gráfico 3.1**). Em relação ao registrado no 4.º trim./2019, antes da pandemia, o nível do terceiro trimestre encontra-se 6,1% acima.

Gráfico 3.1 - Índice do volume do Produto Interno Bruto (PIB) do Rio Grande do Sul — 1.º trim./2013-3.º trim./2024



Fonte: SPGG-RS/DEE (Rio Grande do Sul, 2025b).
Contas Nacionais Trimestrais (IBGE, 2025h).

Nota: 1. Os índices têm como base a média de 2013 = 100.
2. Série com ajuste sazonal.

Ainda na comparação com o trimestre imediatamente anterior, o recuo de 30,6% na agropecuária foi a causa para a queda no PIB, uma vez que tanto a indústria (1,1%) quanto os serviços (2,3%) apresentaram crescimento nessa base de comparação (**Tabela 3.1**). Na indústria, houve recuo na atividade de eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana (-10,3%) e na construção (-0,4%). Essas quedas, no entanto, foram mais que compensadas pelos aumentos na indústria extrativa mineral (0,8%) e, principalmente, na indústria de transformação, que cresceu 2,0%, um reflexo da retomada da produção industrial após o desempenho negativo no trimestre anterior. Nos serviços, houve expansão em todas as atividades, com destaque para comércio (3,9%), serviços de informação (2,6%) e transportes, armazenagem e correio (2,3%).

Tabela 3.1 - Variação do Produto Interno Bruto (PIB), dos impostos e do Valor Adicionado Bruto (VAB), total e por atividades, do Rio Grande do Sul — períodos selecionados

ATIVIDADES	3º TRIM/2024 2º TRIM/2024 ⁽¹⁾	3º TRIM/2024 3º TRIM/2023	JAN-SET/2024 JAN-SET/2023
PIB	-0,3	4,1	5,2
Impostos	-	4,3	4,9
VAB	-0,9	4,1	5,2
Agropecuária ...	-30,6	7,9	37,1
Indústria	1,1	-1,3	-0,2
Serviços	2,3	4,2	3,2

Fonte: SPGG-RS/DEE (Rio Grande do Sul, 2025b).
(1) Com ajuste sazonal.

Em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, a economia gaúcha apresentou avanço de 4,1% no 3.º trim./2024. Nessa base de comparação, destacaram-se positivamente a agropecuária (7,9%) e os serviços (4,2%). A indústria, por outro lado, apresentou queda

de 1,3%, resultado determinado pelo recuo da indústria de transformação (-2,8%), uma vez que as outras atividades industriais apresentaram expansão, principalmente a construção, que cresceu 6,0%. Nos serviços, a maior elevação foi observada no comércio (8,2%), seguida pelas de serviços de informação (5,1%) e transporte, armazenagem e correio (4,3%).

No acumulado do ano até o terceiro trimestre, contra igual período de 2023, o PIB do Estado cresceu 5,2%, superando o crescimento nacional em 1,9 p.p. O Valor Adicionado Bruto (VAB) também subiu 5,2%, com destaque para o avanço de 37,1% na agropecuária. Apesar dos prejuízos causados pelas enchentes e enxurradas, a produção agrícola foi superior à de 2023, ano marcado por estiagem. Os serviços cresceram 3,2%, com expansão em todas as atividades, destacando-se as altas observadas no comércio (5,6%), em outros serviços (5,0%) e em serviços de informação (4,2%). A indústria, por outro lado, apresentou queda de 0,2% no acumulado do ano, resultado direto da retração de 3,3% na indústria de transformação, atividade de maior peso no setor. A indústria extrativa também caiu (-0,2%), mas sem maior impacto, dada a sua reduzida representatividade na estrutura da indústria gaúcha. A atividade de eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana cresceu 21,3%, impulsionada pelo aumento da geração de energia hidrelétrica devido ao maior nível dos reservatórios em 2024, em comparação com 2023, ano de estiagem. A construção teve alta de 2,8% no acumulado do ano, estimulada pelas obras de reconstrução da infraestrutura após as enchentes.

Após duas estiagens em sequência, a produção agrícola do Estado apresentou forte recuperação em 2024. Na estimativa de abril, desenhava-se uma safra de grãos, impulsionada principalmente pela produção recorde de soja, que deveria chegar a quase 22 milhões de toneladas, segundo o IBGE. Ainda que a colheita da safra de verão já estivesse bastante avançada, as enchentes e enxurradas ocorridas em maio tiveram forte impacto, principalmente sobre as produções de arroz, milho e soja. Apesar disso, as safras de milho, soja e trigo crescerão, segundo as estimativas de dezembro do IBGE, 13,9%, 43,8% e 43,0% em relação a 2023, respectivamente (**Tabela 3.2**). No caso específico da soja, principal produto agrícola do Rio Grande do Sul, a quantidade colhida em 2024 será significativamente maior que as dos dois anos anteriores, embora ainda abaixo da safra recorde de 2021.

Tabela 3.2 - Quantidade produzida e variação dos principais grãos do Rio Grande do Sul — 2023-24

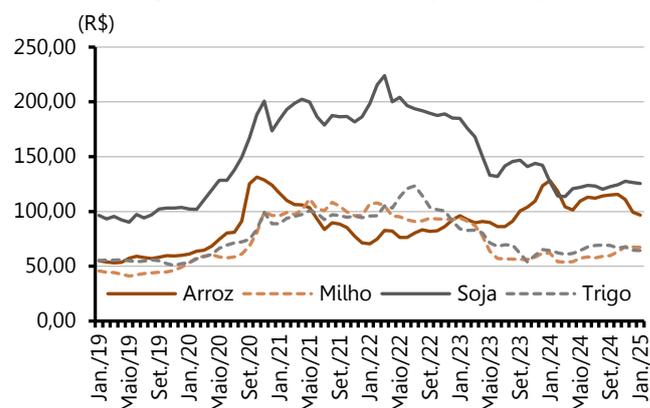
PRODUTOS	QUANTIDADE PRODUZIDA		VARI- ÇÃO %
	2023	2024 (1)	
Arroz	7.142.801	7.128.908	-0,2
Fumo	298.485	286.923	-3,9
Milho	3.960.494	4.509.897	13,9
Soja	12.693.487	18.252.278	43,8
Trigo	2.587.340	3.700.521	43,0

Fonte: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) (IBGE, 2025b). Pesquisa Agrícola Municipal (PAM) (IBGE, 2025c).

(1) Estimativa.

Os preços praticados no Rio Grande do Sul para o milho, a soja e o trigo começaram 2024 em baixa, na comparação com o observado em 2021 e 2022, com leve recuperação nos últimos meses, impulsionados pela alta do dólar. Na média anual, os preços, corrigidos pelo IPCA, caíram 12,5%, 18,8% e 7,3% respectivamente. O preço do arroz, ao contrário, apresentou declínio no final do ano, mas, na média, esteve 15,7% acima do praticado em 2023 (**Gráfico 3.2**).

Gráfico 3.2 - Evolução dos preços reais do arroz, do milho, da soja e do trigo no Rio Grande do Sul — jan./2019-jan./2025

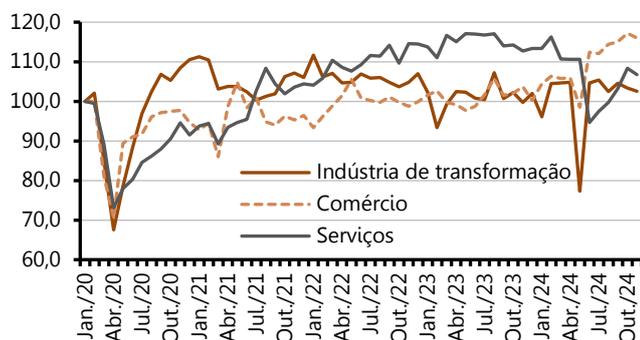


Fonte: Emater-RS (2025).

Nota: Valores constantes a preços de dez./2024, corrigidos pelo IPCA.

A análise dos indicadores mensais da indústria de transformação, do comércio varejista ampliado e dos serviços revela a evolução dessas atividades ao longo do ano, destacando como cada setor reagiu ao impacto das enchentes de maio e como ocorreu a retomada nos meses seguintes (**Gráfico 3.3**). Enquanto o comércio tem registrado níveis de vendas significativamente superiores aos dos meses anteriores ao desastre, a indústria e, sobretudo, os serviços, enfrentam maiores dificuldades para se recuperar.

Gráfico 3.3 - Índice da produção física da indústria de transformação, do volume de vendas do comércio varejista ampliado e do volume dos serviços do Rio Grande do Sul — jan./2020-nov./2024



Fonte: Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (PIM-PF) (IBGE, 2025d).
Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) (IBGE, 2025e).
Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) (IBGE, 2025f).
Nota: 1. Os índices têm como base jan./2020 = 100.
2. Série com ajuste sazonal.

A produção física da indústria de transformação do Estado iniciou o ano em alta, sinalizando uma retomada após o desempenho negativo de 2023. As enchentes e seus efeitos impactaram severamente a produção industrial no mês de maio, que caiu 26,2% em relação a abril. Em junho, na esteira de um processo mais amplo de recuperação da economia gaúcha, a atividade retomou o nível de abril. Nos meses seguintes, a produção oscilou em torno de um nível ligeiramente abaixo do registrado naquele mês, sem indicar uma tendência clara. No trimestre de setembro a novembro, a produção industrial do Estado praticamente manteve-se estável, recuando 0,6% em relação aos três meses anteriores. No acumulado do ano até novembro, a produção física da indústria cresceu 0,3%, desempenho fortemente afetado pela acentuada queda registrada em maio (**Gráfico 3.3**). Das 14 atividades, ocorreu crescimento em sete, com destaque para as altas observadas em produtos derivados de petróleo e biocombustíveis (16,5%), metalurgia (13,6%) e móveis (11,6%), esta última bastante estimulada pelo aumento das vendas de móveis para reposição após as enchentes. Negativamente, o maior impacto veio da retração de 20,3% da produção de máquinas e equipamentos, maior segmento da indústria gaúcha. Essa atividade foi bastante afetada pela diminuição das compras de máquinas e equipamentos agrícolas por parte dos produtores, em razão do ciclo descendente do preço das *commodities* e da redução da safra brasileira em 2024.

As vendas do comércio varejista ampliado do Estado também iniciaram o ano com taxas positivas de crescimento, seguindo o movimento de alta observado

em todo o País. A tendência de elevação foi interrompida pelos impactos da enchente, com a atividade comercial de maio caindo 6,9% em relação ao mês anterior. O efeito contracionista da enchente, no entanto, foi de curta duração. Já em junho, as vendas cresceram 14,0% na margem, mais do que recuperando o patamar de abril. O desempenho positivo da atividade sustentou-se nos meses seguintes, alcançando, em novembro, um nível de vendas 9,5% superior ao registrado no mês anterior às enchentes. A inflexão na curva do comércio, que já era ascendente, pode ser atribuída à mudança do perfil de consumo de curto prazo, direcionado para bens de reposição, como móveis, eletrodomésticos e materiais de construção. O aumento do consumo foi impulsionado tanto pelas transferências de recursos públicos para as famílias afetadas pelas enchentes, quanto pelo uso de recursos de poupanças privadas e pela tomada de crédito. No acumulado até novembro, as vendas do comércio cresceram 9,2%, com expansão em nove das 11 atividades, sobressaindo-se os acréscimos nas vendas de equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (15,5%), hipermercados e supermercados (12,1%), atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo (11,7%), artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (11,4%) e veículos, motocicletas, partes e peças (10,5%).

Ao contrário da indústria e do comércio, os serviços apresentaram desempenho negativo nos primeiros meses do ano, condição que se agravou após o desastre climático de maio. Depois de uma queda de 14,4% em junho, em relação a maio, os serviços voltaram a crescer, mas de forma muito lenta na comparação com as outras atividades. Em novembro, o nível do volume do setor ainda se encontrava 3,5% inferior ao registrado em abril. Grande parte desse resultado deveu-se à interrupção das atividades do Aeroporto de Porto Alegre, que impactou significativamente os serviços ligados ao turismo. No acumulado até novembro, os serviços apresentaram queda de 7,2%, desempenho ligado às retrações dos serviços prestados às famílias (-5,7%) e dos transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (-19,5%). No recorte das atividades turísticas, a queda foi maior, de 15,2%.

3.2 SETOR EXTERNO

Em 2024, o valor das exportações do Rio Grande do Sul alcançou US\$ 21,884 bilhões, uma queda de 1,9% na comparação com o de 2023. Setorialmente,

houve recuo nas exportações de produtos industriais, principalmente nas atividades de alimentos, veículos automotores, carrocerias e reboques e máquinas e equipamentos. Já nas exportações da agropecuária, ocorreu crescimento de 2,7%, desempenho impulsionado, principalmente, pelo aumento das vendas de soja em grão (**Tabela 3.3**).

Tabela 3.3 - Valor das exportações, total e por atividades econômicas, e variações em relação ao mesmo período do ano anterior no Rio Grande do Sul — 2023-24

ATIVIDADES	VALOR (US\$ milhão)		Δ%
	2023	2024	
Produtos agropecuários	5.481,7	5.631,2	2,7
Produtos alimentícios	5.694,5	4.962,5	-12,9
Produtos do fumo	2.421,5	2.664,7	10,0
Máquinas e equipamentos	1.437,8	1.367,7	-4,9
Produtos químicos	1.330,0	1.296,3	-2,5
Celulose e papel	899,3	1.036,4	15,2
Veículos automotores, carrocerias e reboques	1.073,5	1.001,6	-6,7
Couros e calçados	955,1	931,3	-2,5
Produtos de metal	703,0	694,7	-1,2
Derivados de petróleo	327,9	353,4	7,8
Outros produtos	1.983,6	1.944,0	-2,0
VALOR TOTAL	22.307,9	21.883,8	-1,9

Fonte: ComexStat (Brasil, 2025a).

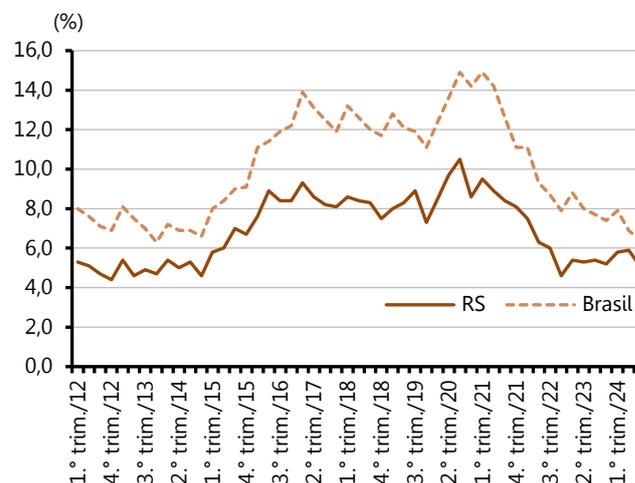
Por destino, China, União Europeia e Estados Unidos permaneceram como os principais compradores dos produtos do Estado em 2024. Dos três, no entanto, apenas o valor das vendas para o primeiro aumentou no período, enquanto União Europeia e Estados Unidos diminuíram os valores comprados do Estado. O valor das vendas para a Argentina, quarto principal destino, principalmente de produtos industriais, recuou apenas 0,4%.

3.3 MERCADO DE TRABALHO

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), o número de ocupados no Rio Grande do Sul, no terceiro trimestre do ano, foi de 5 milhões e 984 mil pessoas, um aumento de 2,1% em relação ao trimestre anterior e de 2,4% em comparação com o mesmo período de 2023. Nesse mesmo período, a taxa de desocupação ficou em 5,1%, redução de 0,8 p.p. em relação ao trimestre anterior. É a menor taxa para um terceiro trimestre desde 2013 (**Gráfico 3.4**). O rendimento médio real mensal habitual de todos os trabalhos das pessoas ocupadas alcançou R\$ 3.542 no 3.º trim./2024, valor considerado estável na comparação com o trimestre anterior e o mesmo de 2023. A massa real de rendimentos também

manteve-se estável na comparação com o segundo trimestre, mas, em relação ao mesmo trimestre de 2023, apresentou aumento de 6,4%, impulsionado principalmente pela expansão do número de ocupados.

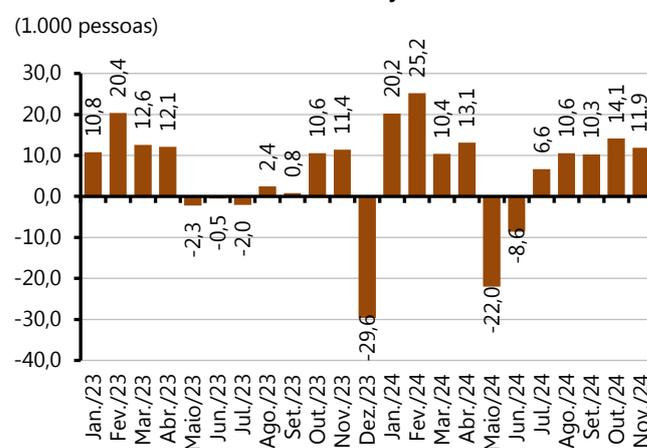
Gráfico 3.4 - Taxa de desocupação no Rio Grande do Sul e no Brasil — 1.º trim./2012-3.º trim./2024



Fonte: PNAD Contínua (IBGE, 2025g).

No mercado formal, os dados do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged) mostraram uma importante retomada da criação de empregos a partir de julho. Após uma perda de 30.624 vagas em maio e junho, a economia gaúcha criou 53.419 novos empregos entre julho e novembro, movimento em linha com a recuperação da economia (**Gráfico 3.5**). Nos 12 meses terminados em novembro, houve criação de 62.149 vagas de emprego no Rio Grande do Sul. Esse saldo dividiu-se da seguinte forma entre as atividades econômicas: serviços (37.236), comércio (12.852), construção (6.630), indústria (5.758) e agropecuária (-325).

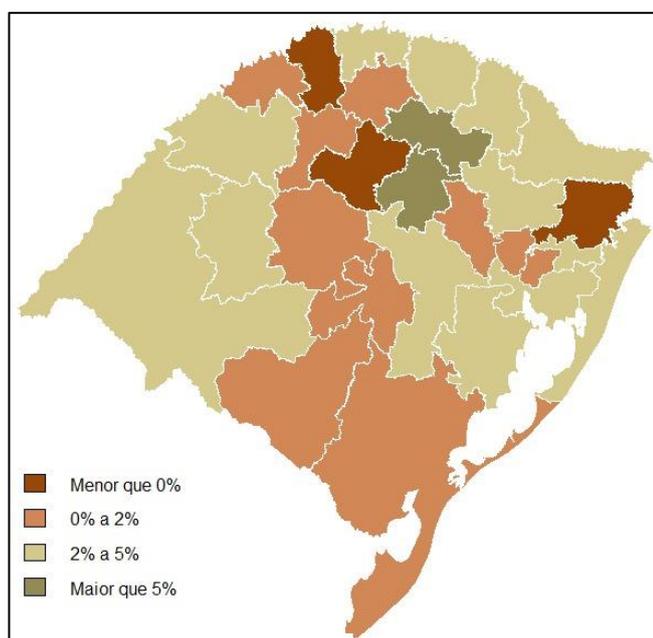
Gráfico 3.5 - Saldo entre admitidos e desligados no emprego formal do Rio Grande do Sul — jan./2023-nov./2024



Fonte: Novo Caged (Brasil, 2025b).

Em relação ao estoque de empregos de novembro de 2023, o acréscimo relativo foi de 2,2%. Regionalmente, 25 das 28 regiões dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) do Estado apresentaram variações positivas no período (**Figura 3.1**). As maiores altas ocorreram nos Coredes Alto da Serra do Botucarái (6,6%), Produção (5,7%), Campos de Cima da Serra (3,7%) e Médio Alto Uruguai (3,6%). Três Coredes apresentaram queda no emprego: Hortênsias (-4,1%), Ceileiro (-3,5%) e Alto Jacuí (-0,2%).

Figura 3.1 - Variação do saldo em 12 meses entre admitidos e desligados sobre o estoque anterior no emprego formal nos Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) do Rio Grande do Sul — nov./2024



Fonte: Novo Caged (Brasil, 2025b).

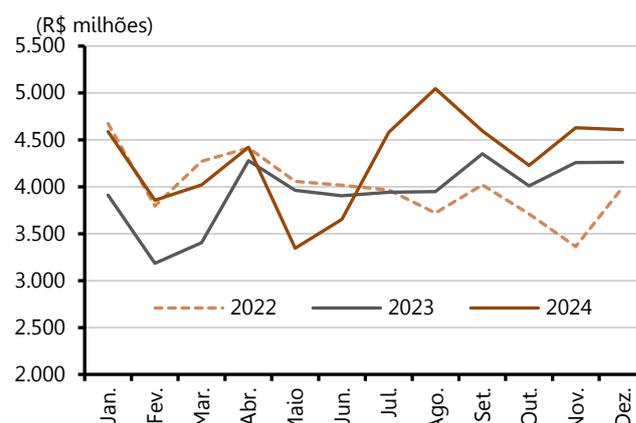
Entre os 497 municípios gaúchos, houve variação negativa em 137, variação nula em cinco, e positiva em 355 deles. Nos 19 municípios com mais de 100 mil habitantes, houve aumento em todos eles, com destaque para as taxas de Passo Fundo (7,5%), Alvorada (5,9%) Rio Grande (5,6%) e Cachoeirinha (5,2%). Entre os 56 municípios com população entre 30 mil e 100 mil, houve aumento do emprego em 45 deles. Soledade (11,9%), Esteio (5,3%), Vacaria (5,3%) e Estância Velha (5,2%) apresentaram as maiores taxas dentro desse grupo de municípios.

3.4 ARRECADAÇÃO DE ICMS

A evolução dos valores mensais da arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) no Rio Grande do Sul mostrou, ao longo do ano,

três momentos distintos: no primeiro, de janeiro a abril, a arrecadação apresentou um bom desempenho, com crescimento real de 14,3% em relação ao mesmo período de 2023; em maio e junho, na sequência dos impactos do desastre climático sobre a economia gaúcha, o valor do ICMS, a preços constantes de dezembro de 2024, recuou 11,1% na comparação com igual bimestre do ano anterior; e, nos seis meses seguintes, na esteira da recuperação econômica, passado o período mais crítico dos efeitos das enchentes, o valor arrecadado cresceu 11,7% (**Gráfico 3.6**). No acumulado do ano, a arrecadação de ICMS apresentou o valor de R\$ 51,823 bilhões, expansão de 8,7% em relação ao ano de 2023. Na desagregação por atividade, houve crescimento em outras indústrias (11,3%), na indústria de transformação (10,8%) e no comércio (7,7%); enquanto a agropecuária (-3,6%), os serviços de informação e comunicação (-5,5%) e os outros serviços (-3,1%) apresentaram recuo.

Gráfico 3.6 - Arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICMS) no Rio Grande do Sul — 2022-24



Fonte: Sefaz-RS/Dados Abertos (Rio Grande do Sul, 2025a).

Nota: Valores constantes a preços de dez./2024, corrigidos pelo IPCA.

3.5 PERSPECTIVAS

As perspectivas para a economia gaúcha em 2025 são positivas, sustentadas principalmente pelo esperado crescimento da agropecuária e pelos investimentos públicos e privados. No primeiro caso, a previsão é de aumento da produção agrícola, em especial de arroz, milho e soja, culturas afetadas pelas enchentes em 2024. Os investimentos em obras de reconstrução e proteção contra as cheias, além da reposição de capital físico, especialmente na indústria, também devem contribuir significativamente. Adicionalmente, há expectativa de recuperação da produção industrial tanto pelo aumento dos investimentos quanto pela baixa base de

comparação de 2023. Em específico, espera-se que a fabricação de máquinas e equipamentos alcance um ponto de equilíbrio em 2025, deixando de impactar negativamente o desempenho do setor industrial do Estado. O setor de serviços também deve continuar em expansão, impulsionado pela retomada do turismo e pela manutenção dos bons resultados no mercado de trabalho.

No entanto, há três riscos importantes associados a esse cenário positivo. O primeiro é a confirmação do fenômeno La Niña, que potencializa os riscos de estresse hídrico para as culturas agrícolas de verão, podendo resultar em quebras de rendimento físico e na expansão menos pronunciada da produção agropecuária. O segundo está relacionado ao aumento da incerteza sobre o desempenho da economia brasileira, influenciada principalmente pela alta das taxas de juros. Por fim, o terceiro é a crescente incerteza relacionada à economia internacional, que tende a ser uma questão de grande relevância ao longo de 2025.

PRINCIPAIS INDICADORES MENS AIS

Tabela A.1 - Principais indicadores econômicos do Rio Grande do Sul e do Brasil — jul./2024-dez./2024

	(%)					
DISCRIMINAÇÃO	JUL/24	AGO/24	SET/24	OUT/24	NOV/24	DEZ/24
Indústria de transformação						
Rio Grande do Sul						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	0,7	-2,8	2,0	-1,1	-0,8	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	8,4	-4,8	2,8	3,0	1,3	-
Acumulado em 12 meses	-1,3	-1,8	-1,1	-0,9	-0,4	-
Brasil						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	-1,3	-0,2	1,5	0,1	-1,0	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	7,3	1,7	4,6	7,3	2,9	-
Acumulado em 12 meses	1,7	1,9	2,4	2,9	3,2	-
Comércio varejista ampliado						
Rio Grande do Sul						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	-0,3	2,1	0,6	1,8	-1,0	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	13,5	8,8	10,4	16,8	13,2	-
Acumulado em 12 meses	5,1	5,3	6,1	7,3	8,1	-
Brasil						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	0,0	-0,5	1,0	0,8	-1,8	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	7,3	3,2	2,2	7,8	2,1	-
Acumulado em 12 meses	3,8	3,8	3,7	4,2	4,0	-
Serviços						
Rio Grande do Sul						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	3,0	2,3	3,5	5,0	-1,5	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	-14,4	-15,5	-9,8	-3,9	-6,6	-
Acumulado em 12 meses	-3,2	-4,9	-5,7	-6,4	-6,8	-
Brasil						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	0,3	-0,3	0,9	1,4	-0,9	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	4,1	1,9	3,9	6,4	2,9	-
Acumulado em 12 meses	2,0	2,0	2,3	2,8	2,9	-
Preços						
IPCA-Região Metropolitana de Porto Alegre	0,36	0,18	0,39	0,16	0,03	0,50
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	3,53	3,47	3,69	3,81	3,49	3,57
Acumulado em 12 meses						
IPCA-Brasil						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	0,38	-0,02	0,44	0,56	0,39	0,52
Acumulado em 12 meses	4,50	4,24	4,42	4,76	4,87	4,83

Fonte dos dados brutos: Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IBGE, 2025a).
Pesquisa Industrial Mensal (IBGE, 2025d).
Pesquisa Mensal do Comércio (IBGE, 2025e).
Pesquisa Mensal dos Serviços (IBGE, 2025f).

REFERÊNCIAS

- AMITRANO, C. R.; MORA Y ARAUJO, M.; DOS SANTOS, C. H. M. Visão Geral da Conjuntura. **Carta de Conjuntura (IPEA)**, Brasília, DF, n. 65, nota 24, 4.º trim. 2024. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/wp-content/uploads/2024/12/241218_cc_65_nota_24_visa_o_geral_da_conjuntura.pdf. Acesso em: 17 jan. 2025.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Sistema de Expectativas de Mercado**. Brasília, DF: BCB, 2025a. Disponível em: <https://www3.bcb.gov.br/expectativas/publico/consulta/serieestatisticas>. Acesso em: 17 jan. 2025.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Sistema Gerenciador de Séries Temporais - v. 2.1**. Brasília, DF: BCB, 2025b. Disponível em: <https://www3.bcb.gov.br/sgspub/localizarseries/localizarSeries.do?method=prepararTelaLocalizarSeries>. Acesso em: 17 jan. 2025.
- BRASIL. Ministério da Economia. Secretaria Especial de Comércio Exterior e Assuntos Internacionais. **COMEX STAT**. Brasília, DF: Ministério da Economia, 2025a. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>. Acesso em: 17 jan. 2025.
- BRASIL. Ministério da Economia. Secretaria Especial de Previdência e Trabalho. **Painel de informações do Novo Caged**: novembro 2024. Brasília, DF: Secretaria Especial de Previdência e Trabalho, 2025b. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjojNWl5NWl0ODEtYmZiYy00Mjg3LTkzNWUtY2UyYjIwMDE1YWl2IiwidCI6IjNlYzkyOTY5LTVhNTUyOTYxOC04YWM5LWVwOThmYmFmYTtk3OCJ9>. Acesso em: 17 jan. 2025.
- EMATER/RS. **Cotações agropecuárias**. Porto Alegre: Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul, 2025. Disponível em: https://www.emater.tche.br/site/info-agro/precos_semanais.php. Acesso em: 17 jan. 2025.
- IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo. Rio de Janeiro: IBGE, 2025a. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/7060>. Acesso em: 17 jan. 2025.
- IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola. Rio de Janeiro: IBGE, 2025b. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/lspa/tabelas>. Acesso em: 17 jan. 2025.
- IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Pesquisa Agrícola Municipal. Rio de Janeiro: IBGE, 2025c. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pam/tabelas>. Acesso em: 17 jan. 2025.
- IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física Regional. Rio de Janeiro: IBGE, 2025d. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pim-pf-regional/tabelas>. Acesso em: 17 jan. 2025.
- IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Pesquisa Mensal de Comércio. Rio de Janeiro: IBGE, 2025e. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pmc/tabelas>. Acesso em: 17 jan. 2025.
- IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Pesquisa Mensal de Serviços. Rio de Janeiro: IBGE, 2025f. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pms/tabelas>. Acesso em: 17 jan. 2025.
- IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua - Divulgação Trimestral — 3.º trimestre de 2024. Rio de Janeiro: IBGE, 2025g. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/pnadct/brasil>. Acesso em: 17 jan. 2025.
- IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Sistema de Contas Nacionais Trimestrais – referência 2010 – 3º trimestre 2024. Rio de Janeiro: IBGE, 2025h. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/cnt/brasil>. Acesso em: 17 jan. 2025.
- INTERNATIONAL MONETARY FUND (IMF). **World economic outlook update**. Washington, DC: IMF, jan. 2025. Disponível em: <https://www.imf.org/en/Publications/WEO/Issues/2025/01/17/world-economic-outlook-update-january-2025>. Acesso em: 17 jan. 2025.
- OECD. **Quarterly GDP**. Disponível em: <https://stats.oecd.org/>. 2025. Acesso em: 17 jan. 2025.
- RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Fazenda. **Receita dados**. Porto Alegre: SEFAZ, 2025a. Disponível em: <http://receitadados.fazenda.rs.gov.br/paineis/arrecadacao/>. Acesso em: 17 jan. 2025.
- RIO GRANDE DO SUL. Secretaria do Planejamento, Governança e Gestão. Departamento de Economia e Estatística. **PIB RS trimestral**. Porto Alegre: SPGG/DEE, 2025b. Disponível em: <https://dee.rs.gov.br/pib-trimestral>. Acesso em: 17 jan. 2025.



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL